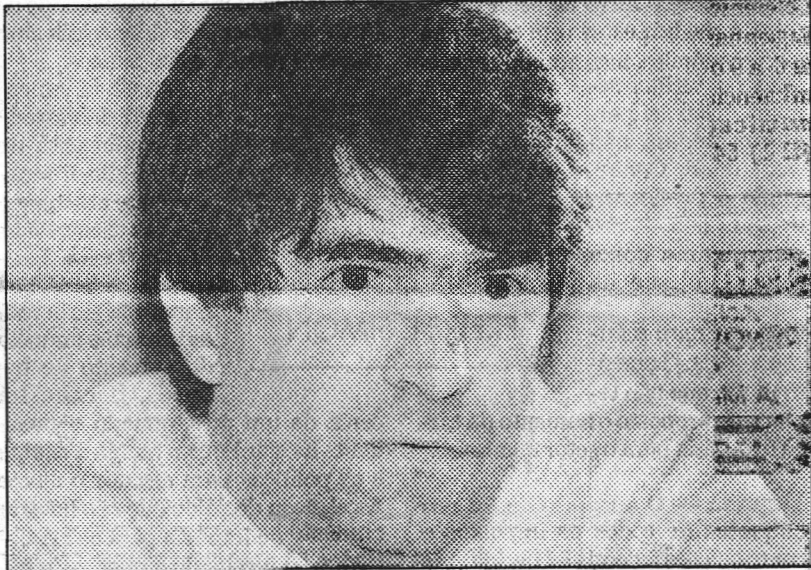




Macedo: não basta discutir quem vai ganhar a próxima eleição

Cearenses planejam discutir 2020 em 94

Quem quer discutir o ano 2020 no meio de uma campanha eleitoral? Isso é o que vão descobrir em 1994 os líderes do Pacto de Cooperação, um grupo que se reúne a cada 45 dias com o governador do Ceará, influi na escolha do reitor da universidade estadual, propõe pautas para o governo, negocia reduções de impostos e tenta desenhar, por cima dos partidos, a modernização de um Estado pobre que virou capa de *Veja* e é apontado como modelo de saúde financeira.

"Ceará 2020" será o tema do debate programado para 1994, diz o coordenador do pacto, o empresário Amarílio Macedo, vice-presidente executivo do Grupo J. Macedo, um dos maiores do Ceará, com patrimônio líquido de US\$ 166,8 milhões no final do ano passado. "Não basta discutir quem vai ganhar a próxima eleição, nem ter visão limitada ao horizonte de um governo."

Para um movimento sem endereço e sem forma visível para o público, o Pacto de Cooperação pode exibir um ativo incomum. Esse ativo inclui

**IDEIA É
SOLUCIONAR
PROBLEMAS
BÁSICOS**

acordos tributários favoráveis à coto-cultura, à avicultura, à pesca, à pecuária leiteira e ao setor farmacêutico, além da formulação de projetos de fomento para moda, turismo, exploração do caju e do algodão etc.

"Não se trata de um poder paralelo", diz Amarílio Macedo, mas a sua descrição não deixa dúvida quanto à proximidade entre o movimento e o governo. O Pacto de Cooperação participou, por exemplo, da montagem da Secretaria de Ciência e Tecnologia, com assessoria da Unicamp, e mantém vínculo estreito com a universidade, estimulando a linhas de pesquisa seleciona-

das, voltadas principalmente ao estudo do semi-árido.

O Pacto reúne empresários de todas as entidades patronais, professores universitários, profissionais liberais e, mais recentemente, sindicalistas. A idéia básica é discutir e propor soluções para problemas básicos do Estado, a partir de uma perspectiva ampla, ou, como se diz no jargão, "sistêmica": não se examina a lavoura do algodão ou a indústria têxtil, por exemplo, mas toda a cadeia, da agricultura à moda. Talvez haja uma predominância de tucanos, admite Macedo, mas ele insiste em descrever o movimento como suprapartidário. Seria um suicídio, explica, vestir a camisa de um partido. Ele mesmo é tucano e lamenta que o PSDB não tenha criado líderes capazes de continuar, no governo estadual, a linhagem de Tasso Jereissati e Ciro Gomes.

O movimento é "informal", segundo sua descrição, mas tem reuniões semanais, às segundas-feiras, e encontros a cada mês e meio com o governador. Um funcionário do Grupo Macedo funciona como secretário. Embora in-

formal, o Pacto é tudo menos desestruturado. Com alguma relutância, Macedo reconhece que o movimento se organizou em torno de umas 15 pessoas e que hoje umas 30 constituem o núcleo. As raízes podem ser localizadas nos anos 70, quando um grupo de empresários revitalizou o Centro das Indústrias do Ceará (CIC). O Movimento Pró-Mudança, que apoiou a eleição de Tasso Jereissati e se manteve durante os nove primeiros meses de seu governo, valeu como um ensaio para o Pacto. O economista Francisco Lima de Matos é hoje presidente do CIC e um entusiasmado militante do pacto.